

Enrique Vila-Matas

ESTRANHA FORMA  
DE VIDA

*tradução*

José Agostinho Baptista

ASSÍRIO & ALVIM

No amor há duas espécies de fidelidade:  
uma nasce da cobardia, do nosso temor  
à solidão ou à aventura; a outra é porque  
nos orgulhamos de ser fiéis.

Manuel da Cunha  
*O espião da Rua Lisboa*

Ao despertar, a essa hora agradável em que se sonha e se espia o dia, mal abri os olhos, a primeira coisa que vi foi simplesmente memorável, uma imagem absolutamente extraordinária: o nosso filho Bruno estava sentado na cama, na nossa cama, junto à sua mãe adormecida, e olhava em silêncio com os olhos desorbitados para as lágrimas de vidro do candeeiro do teto, olhava e de vez em quando, de uma maneira infinitamente séria, ria-se.

Como estava habituado a vê-lo olhar sempre fixamente para o chão, aquilo pareceu-me tão estranho que se me escapou um grito quase de pânico e acordei Carmina. Acho que devia ter intuído nesse preciso momento que o dia que nascia ia tornar-se memorável. Porque, ao fim de um segundo, inesquecível foi também a reação de Carmina, que de imediato pouca importância deu ao assunto e, enquanto penteava o filho com risco ao meio e muito fixador, reprovou-me tão excessiva obsessão com Bruno. Também a sua reação era pouco normal, e repito, devia ter suspeitado que o dia se apresentava muito estranho, pois como no fundo ela também odiava Bruno, tornava-se estranho, muito fora do comum, a sua reprovação, que mais parecia um desaforado exercício de cinismo. Nunca até aquele dia reprovava a minha inquietação perante a conduta da criança anormal, o nosso filho cinzento de olhar nulo.

Se era inquietante pensar no que espiava Bruno no chão, mais inquietante era acordar e de repente, pela primeira vez na vida, vê-lo

com o olhar extasiado nas alturas. Como sem dúvida era inquietante a estranha reação de Carmina, a quem decidi não responder. Fiquei à espera que saíssem os dois para a rua, coisa que os pobres não tardariam a fazer, sempre com os habituais ritos mal-humorados dessa hora — a mesma em que eu, ao contrário deles, costumava sonhar e espiar de forma agradável o dia —, Carmina a caminho do seu trabalho de horário intensivo na secretaria do Museu da Ciência, e ele à procura dessa «jovem acompanhante» que, junto com outros colegas do bairro, o deixava à porta dessa escola onde, quando não inventava fantasias em voz alta, se dedicava à obsessiva — às vezes até parecia parvo — tarefa de olhar fixamente para o chão.

Foram-se embora e deixaram-me tranquilo, e às oito da manhã, como de costume, já estava a afiar lápis e a perfilar ideias destinadas ao artigo de jornal que escrevia diariamente e me divertia sempre como um louco, pois esse género de textos nos quais, com certa ousadia, inventava tudo e não levava mais de meia hora a escrever, compensava-me amplamente das rigorosas leis do realismo social a que submetera a minha trilogia novelesca sobre as vidas das pessoas da minha rua, as pessoas da Calle Durban: um tríptico muito realista sobre a minha vizinhança, sobre os deserdados da vida, sobre os mortos de dor, sobre as almas humildes da Calle Durban, sobre os humilhados e ofendidos, sobre os infelizes, sobre *los de abajo*.

Terminado, como de costume, o artigo com essa tristeza que sentimos no final das melhores festas da nossa vida, passei a ocupar-me — com um repentino e desesperado ataque de preguiça — da minha trilogia. Ia ainda no quarto capítulo do segundo volume, um capítulo que me deixara ligeiramente bloqueado e que tratava do personagem Vicente Guedes, o barbeiro da Calle Durban, um homem que tinha visto morrerem atropelados a mulher e o filho, um indiví-

duo muito fechado sobre o qual levava vários dias a investigar sem conseguir averiguar fosse o que fosse da sua vida trágica, o que, no meu desespero, me conduzira ao despropósito de, em parte, inventá-la. Vicente Guedes era um homem pouco dado a revelar as suas intimidades e desgraças e perturbava-me com o seu mutismo quase radical, apesar das muitas perguntas que lhe vinha fazendo nos últimos dias das minhas reiteradas visitas à barbearia, sempre com a desculpa de que se avariara a minha máquina de barbear e não me decidia a comprar outra.

Escrevi — em grande parte especulei — sobre a vida de Vicente Guedes até às onze e meia. Costumava trabalhar na trilogia sempre até essa hora, que era quando fazia uma primeira paragem no trabalho e descia à procura da correspondência e a comprar os jornais no quiosque ao fundo da Calle Durban. Mas nesse dia, ao abrir a porta do meu andar, vi que alguém tinha deixado uma carta debaixo dela. Surpreendido, intrigado — ainda mais do que estivera instantes atrás, ao evocar continuamente a enigmática cara do barbeiro, com a sua permanente expressão rígida que fazia lembrar um espasmo de dor — agachei-me para apanhar essa carta inesperada e então a minha surpresa foi maior ao reconhecer a letra redondinha, inconfundível, de Rosita.

Na sua breve carta cruel anunciava-me que à noite iria à minha conferência da Calle Verdi sobre «a estrutura mítica do herói», mas seria a última vez que a veria em cinco ou seis anos, pois como eu não queria fugir com ela, ia montar com o seu marido farmacêutico uma farmácia nova, fora de Barcelona. Terminava assim: «Insisto. Teria sido magnífico fugirmos, mas tu és um covarde, e preferes ficar com Carmina e o menino horrendo. É lá contigo. Irei à tua conferência porque to prometi, mas quando acabares de nos massacrar com essa da